



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**JAELY DAS CHAGAS LIMA**

**CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO  
NAZISTA, CEARENSE E NA OBRA *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ**

**Guarabira  
2022**

JAELY DAS CHAGAS LIMA

**CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO  
NAZISTA, CEARENSE E NA OBRA *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

**Área de concentração:** Sociedade, História/Literatura.

**Orientador:** Prof. Dra. Andréa de Moraes Costa Buhler

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L456c Lima, Jaely Das Chagas.  
Campos de concentração e isolamento [manuscrito] : uma análise do contexto nazista, cearense e na obra O Quinze, de Rachel de Queiroz / Jaely Das Chagas Lima. - 2022.  
29 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Andréa de Moraes Costa Buhler ,  
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
1. O quinze. 2. Campos de Concentração. 3. Retirantes. I.  
Título  
  
21. ed. CDD B869.3

JAELY DAS CHAGAS LIMA

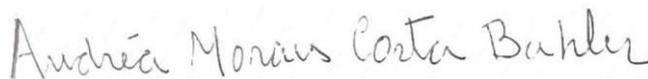
CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO  
NAZISTA, CEARENSE E NA OBRA O *QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras Português da Universidade  
Estadual da Paraíba-Campus III como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras Português.

Área de concentração: Sociedade,  
História/Literatura.

Aprovada em: 20/07/2022.

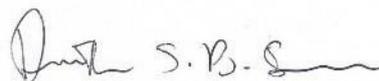
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Andréa de Moraes Costa Buhler (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Viliam Mangueira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr. Dmitri da S. Bichara  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha “mainha”, que sempre foi meu espelho em dedicação e esforço, que sempre me incentivou a sonhar, pois os meus sonhos eram os seus sonhos, independente do que eu escolhesse trilhar. Obrigada por tudo, mãe! que venham mais sonhos a se realizarem, é tudo por você.

“— E foi morrida essa morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi matada?  
— Até que não foi morrida,  
irmão das almas,  
esta foi morte matada,  
numa emboscada.”  
(MELO NETO, 2007, p. 94.)

# **CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E ISOLAMENTO: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO NAZISTA, CEARENSE E NA OBRA *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ**

LIMA, Jaely das Chagas

## **RESUMO**

Os campos de concentração que mais impactaram a história foram instalados na Alemanha Nazista, com o intuito de isolar e exterminar principalmente etnias, especificamente os judeus. É fato que essas instalações também funcionaram como centro de confinamento para resolução de conflitos civis ou de guerra. É o que se pode observar no Nordeste Brasileiro, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, no Estado do Ceará, para confinar os retirantes da seca no início do século XX. Essa história pouco conhecida de atrocidade, fome, preconceito e higienismo social no Ceará também aparece representada na obra *O Quinze*, publicada em 1930, de Rachel de Queiroz. Justamente o realismo da literatura de 30 condensa este aspecto dialético do texto e contexto, o qual é tratado por Antonio Candido (2000). A partir desse recorte, o presente trabalho realiza uma investigação comparativa entre os campos de concentração na Alemanha Nazista, no Estado do Ceará e na obra *O Quinze*, fazendo uso de aportes teóricos como dos autores: Schilling (2016), Goldhagen (1997), Rios (2001), Couto (2010), Cândido (2005) e Pompeu (2006). O estudo é conduzido no sentido de uma compreensão de que as barbáries históricas decorrem de uma ordem moral, social e política, que condenam à miséria e à morte populações indesejadas.

**Palavras-chave:** O quinze. Campos de Concentração. Retirantes.

## **ABSTRACT**

The concentration camps that most impacted history was installed in Nazi Germany to isolate and exterminate mainly ethnic groups, specifically Jews. It is a fact that these facilities also functioned as confinement centres for the resolution of civil conflicts and war issues. This context can be observed in Northeast Brazil, even before the Second World War, in the State of Ceará, to confine the migrants from the drought at the beginning of the 20th century. In this way, this not very well-known story of atrocity, hunger, prejudice, and a movement called social hygienism in Ceará is also represented in the work *O Quinze*, published in 1930 by Rachel de Queiroz. However, the realism of the literature of the 1930s focuses on this dialectical aspect of the text and context, which is represented by Antonio Candido (2000). From this perspective, the present work aims to make a comparative investigation between the concentration camps in Nazi Germany, in the State of Ceará and the work *O Quinze*, making use of theoretical knowledge such as the authors: Schilling (2016), Goldhagen (1997), Rios (2001), Couto (2010), Cândido (2005) and Pompeu (2006). The study is conducted to understand that historical barbarism occurs from a moral, social and political order condemning unwanted populations to misery and death.

**Keywords:** O quinze. Concentration camps. Migrants.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	8
2	ORIGEM DOS PRIMEIROS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA ASCENSÃO NAZISTA: O CONTEXTO HISTÓRICO .....	9
3	OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO CEARENSE: O CONTEXTO HISTÓRICO .....	16
4	EQUIPARAÇÃO ENTRE OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA E CEARENSE .....	18
5	OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM <i>O QUINZE</i> .....	21
6	CONCLUSÃO .....	26
	REFERÊNCIAS .....	26
	AGRADECIMENTOS .....	29

## 1 INTRODUÇÃO

Ao mencionarmos o termo “campos de concentração”, logo vem à mente a representação do Holocausto Nazista. O fato é que esse sistema, utilizado pelo governo alemão durante a Segunda Guerra para garantir o domínio dos Judeus, já existia no século XIX, e era usado com uma finalidade parecida pelo governo do Ceará (Brasil).

Apesar do nazismo tratar-se de uma separação de cunho racial, e não de classes, podemos apontar para algumas semelhanças entre esses dois contextos no ponto em que a ideia base esteve assentada na segregação. Para nossa reflexão importa ressaltar que no Holocausto havia dois modos de abatimento: Os campos de segregação e os campos de extermínio. Seguiremos discutindo alguns pontos de semelhanças.

Diante disso, o trabalho presente traz um estudo sobre como essa forma de agrupamento sucedeu-se durante a ascensão nazista, explanando alguns aspectos relevantes, principalmente, a ideia de segregação, que se aproxima da política de isolamento adotada pelo governo do Ceará em torno dos flagelados durante os séculos de secas no Estado.

A partir disso, objetivamos identificar, na obra *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, representações relevantes dessa política segregacional, quando os personagens se tornam o retrato fiel dos retirantes e são obrigados a largar suas terras devido ao longo período de estiagem, indo em busca de melhores condições na capital do seu estado de origem. Entretanto, essa população é submetida ao isolamento e a exploração como o único meio de conseguir trabalho e sobreviver ao período de escassez.

Sendo assim, o trabalho parte do entendimento de que as condições, sob as quais foram submetidos os flagelados das secas e os judeus, deixaram marcas profundas que comparecem na literatura, na história e na memória de quem sofreu diretamente ou indiretamente essa barbárie histórica. Nesse sentido, torna-se necessário lembrá-las e debatê-las para que não ocorram mais, além de mostrar a dura realidade enfrentada por esses povos, somente por serem quem são, sem outra justificativa plausível.

Em razão disso, o levantamento desses dados historiográficos nos conduz a um entendimento de que a literatura brasileira, principalmente a literatura de 30,

assimila a matéria histórica e a ficcionalização. De fato, instrui Antonio Candido (2000), em seu ensaio crítico e sociológico, de que a obra literária depende da matéria histórica, de seus condicionamentos sociais. Para o crítico, a integridade da obra se assenta na fusão dialética entre texto e contexto, ou seja, o elemento externo, no caso o social, desempenha um papel na constituição da estrutura, se tornando, assim, interno.

A compreensão metodológica de Candido sobre a natureza da obra literária nos abre um percurso investigativo de que os fatores externos, que marcaram o período que vai de 1877 até 1932, no Estado do Ceará, a exemplo do ambiente social e político, constituíram a matéria principal para a feitura da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, publicado em 1930.

Em um outro ensaio, também da autoria de Candido, intitulado “A Revolução de 1930 e a cultura” (1984), o autor identifica no período literário um pendor mais radicalizado de engajamento ideológico e político. A fase trazia uma preocupação ostensiva em entender a realidade brasileira, principalmente a regional. Daí o surgimento do romance do Nordeste impregnado de marcas sociais e políticas de seu tempo. Candido descreve que noções como “luta de classes”, “espoliação”, “mais valia”, “moral burguesa”, “proletariado” entre outras, aparecem ligados como expressão de insatisfação em relação ao sistema dominante. De fato, a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, traz as marcas ideológicas do discurso de seu tempo.

Nessa trilha, o trabalho divide-se em 4 tópicos: O primeiro retrata o recorte histórico desde a Primeira Guerra à chegada do nazismo, no intuito de descrever como se originaram os campos de concentração de modo geral durante o Holocausto. O segundo tópico traz o dado histórico das turbulências sociais e políticas provocadas pelas secas desde 1877, que resultou na migração de sertanejos desesperados para o centro de Fortaleza, e com isso a política de isolamento como medida de organização e higienização dos espaços pelo governo do Ceará. No terceiro capítulo, é feita uma breve equiparação para discorrer sobre as semelhanças entre esses dois contextos. No último capítulo, há uma breve consideração entre esses dados aportados e a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.

## **2 ORIGEM DOS PRIMEIROS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA ASCENSÃO NAZISTA: O CONTEXTO HISTÓRICO**

No dia 28 de julho de 1914, foi declarada guerra entre a Áustria e a Sérvia, a disputa por interesses diversos marcou o início da Primeira Guerra Mundial. Nesse período, a notícia que deveria ser considerada trágica e desoladora trouxe uma “boa expectativa” para os povos germânicos, principalmente, para aqueles que já apoiavam os movimentos em prol da *eugenia* e do moderno antissemitismo.

Na visão desses apoiadores, essa guerra traria uma grande melhora em seu país e iria consolidar seus interesses etnocêntricos, bem como o seu país ficaria livre daqueles povos que eles consideravam invasores e que “roubavam seus empregos e infestavam seu modo de vida” (COUTO, 2010, p.29).

Assim, é válido ressaltar que os pensamentos sobre a possibilidade de existir apenas uma “raça pura e ariana”, bem como a disseminação do ódio ao judeu, nesse século, já se tratava de um pensamento enraizado. Para Schilling (2016, n.p.) “O século XIX foi um século paradoxal. Ao mesmo tempo que deu grande impulso à industrialização [...] foi também um centênio (*sic*) carregado de profundos preconceitos e ideologias excêntricas”. Com isso, a primeira guerra apenas impulsionou os conceitos teosóficos já conhecidos e muito pautados em círculos científicos.

Sendo assim, os germânicos acreditavam, fielmente, em pensamentos vindos de teóricos racistas, os quais alegavam que os alemães e os germanos eram considerados, entre os brancos, “uma raça mais qualificada que as demais”, e por isso seria necessário dividir as raças em: superiores e inferiores. No caso do antissemitismo, eles acreditavam que os judeus possuíam planos de domínio mundial e fariam uma revolução comunista.

Para se ter ideia, Couto (2010) descreve a reação dos alemães ao receberem a notícia da Primeira Guerra Mundial como um dia histórico, o que mostra a alegria de um povo que ansiava muito por esse conflito, uma vez que ganho a guerra, eles poderiam destilar todo ódio que sentiam por esses seres que eles consideravam inferiores. Nesse dia, esteve presente um personagem que mais adiante terá ligação direta com a criação dos campos de concentração durante a Alemanha nazista. Vejamos o que diz Couto:

Assim, não é de se espantar que Hitler e os demais alemães que receberam a notícia da declaração de guerra comemoraram o fato em plena Praça Odeon, em Munique, conforme um registro fotográfico que sobreviveu até nossos dias. Pela afinidade racial,

os alemães se uniram aos austríacos contra a Sérvia que, por seu lado, teve o reforço da Rússia e de outras nações da Europa Ocidental (COUTO, 2010.p.29).

Diante disso, os alemães estavam reunidos aos austríacos quando receberam a notícia dessa Guerra e fizeram grande concentração na Praça Odeon para festejar. O que eles não esperavam era que, em pouco tempo, a festa se tornaria o inverso, porque a grande nação alemã perdeu a tão sonhada e comemorada guerra, e passou de “oportunidade de ouro” a um caos.

Com a derrota, a Alemanha não perdeu apenas a guerra, mas tornou-se um país sem muitos privilégios, e quando foi assinado o Tratado de Versailles, tudo desmoronou de vez. Isso porque os acordos levaram o país cada vez mais a preocupações e a perdas importantes.

À face do exposto, faz-se necessário discorrer sobre um personagem importante, e já citado anteriormente: Adolf Hitler. Trata-se de um mero soldado mensageiro da Alemanha na primeira guerra, vindo de uma cidade da Áustria-Hungria chamada Viena.

Hitler mudou-se para Munique, capital da Alemanha, após a perda dos seus pais para tentar uma vida melhor no país que ele tanto admirava justamente por compactuar das mesmas ideologias que as suas. Ele, desde cedo, demonstrava grande repúdio contra o povo judeu. Em sua adolescência, por exemplo, possuía coleções de livros que disseminavam ideias racistas contra a comunidade judaica.

Logo após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra, Hitler, ainda como integrante do exército, passou de mensageiro para bode expiatório e viu mais de perto a Alemanha perecer cada dia mais. A população estava revoltada pela tão humilhada derrota, e havia protestos por toda parte, fazendo Kaiser Guilherme II, o último imperador alemão, renunciar.

Tudo isso gerou ainda mais ódio ao povo judeu, porque a população acreditava que o judaísmo internacional, o seu comunismo e a política eram os culpados por tal defasagem alemã. Sobre isso, Couto reflete:

Para Hitler, já impregnado nessa época de antissemitismo, os judeus eram mesmo culpados pela humilhação da derrota. Por causa de seus dons oratórios, logo foi nomeado líder e elemento de ligação do “comando de esclarecimento”. Ele tinha por missão influenciar outros soldados com idéias (sic) pré-escolhidas por seus superiores. O que poucos sabem é que o

futuro ditador já tinha planos para criar seu próprio partido, mas, seguindo a ordem de seus superiores, ele se infiltrou num que já existia para poder assim influenciar os soldados e ajudar a acalmar as revoltas tão comuns no país (COUTO, 2010, p. 33).

Levando em consideração as palavras de Couto (2010, p.33), o fato de Hitler possuir dons oratórios foi considerado um dos motivos para que ele chegasse tão rapidamente ao cargo de líder do DAP (Partido dos Trabalhadores Alemães). Diante do seu caráter racista, chegou a lançar livros e a fazer inúmeros discursos com ideias arianas e antissemitas. “Assim, Hitler conseguia seu primeiro intento no caminho do poder: transformar um partido em algo pessoal, que lhe daria o apoio que precisava para chegar ao poder” (COUTO, 2010, p.35).

Com as grandes concentrações de pessoas nas suas apresentações, ele conseguiu manipular cada vez mais indivíduos e fazer com que seus pensamentos fossem aceitos de maneira rápida e quase sem questionamentos. À vista disso, Hitler até então arquitetava um brilhante plano para o golpe de estado e os ventos sopravam a favor de seus atos. Não obstante, ele despertou o interesse de alguns representantes do governo, que assistiam às manifestações em um local denominado de “Cervejaria de Bürgerbräu”.

Porém, a presença desses representantes era em proveito do benefício próprio, e eles exigiram acordos que, obviamente, não foram aceitos pelo partido. Então, durante a marcha a favor do golpe “o exército entrou em ação [...]. vários nazistas morreram no confronto” (Couto, 2010, p.40) e Hitler foi preso:

Se por um lado a tentativa de tomar o poder fracassou de maneira que ninguém, nem mesmo Hitler, esperava, por outro só beneficiou a confecção do mito hitleriano. Quando foi preso ele conseguiu o tempo que necessitava para organizar suas ideias, conceitos e premissas, aprofundando mais sua ideologia. Para ter uma noção, foi durante seu julgamento, [...] que ele conseguiu a possibilidade de se defender quase sem qualquer restrição de tempo, perante o tribunal e um vasto público que rapidamente se exaltou perante seu discurso, baseado num forte sentimento nacionalista. Assim, ele fez sua própria defesa e nela atacou mais uma vez os responsáveis pela “derrota vergonhosa da Alemanha” na I Guerra Mundial (Couto, 2010, p. 41).

Hitler era compreendido como um mito da popularidade. Ainda na cadeia, ele publicou seu livro *Minha luta*, uma autobiografia que reafirmava a seus seguidores a sua trajetória, seu ódio ao judeu e outros assuntos. O livro foi bem recebido, porém

quando Hitler saiu da cadeia, ainda não era a hora de manifestar novamente suas idealizações, porque a Alemanha se recuperava do caos aos poucos, e o povo não toleraria nenhuma outra revolução.

Todavia, pouco tempo depois, no ápice da aceitação da tendência antisemita “a bolsa de Nova Iorque quebrou [...] arrastando boa parte do mundo a uma profunda crise econômica” (SCHILLING, 2016, n.p.). Com isso, o partido consegue, enfim, expandir-se e persuadir eleitores para as próximas eleições:

Nas eleições seguintes, em 1932, o resultado obtido foi ainda melhor para eles, pois conquistaram 230 lugares no Parlamento e tornaram-se o maior partido alemão. A política de expansão do partido nazista estava a pleno vapor e Hitler chegou a candidatar-se a presidente contra Paul von Hindenburg (marechal alemão, importante figura durante a I Guerra Mundial e presidente da Alemanha entre 1925 e 1934) (COUTO, 2010, p. 49).

Em janeiro de 1933, Hitler chegou ao poder, e já nos primeiros momentos, seus milicianos nazistas começaram a atacar os estabelecimentos dos judeus, vandalizando suas lojas e evitando que a população adquirisse os objetos de suas vendas. “No ano de 1935 foram anunciadas as primeiras leis nazistas que vieram a atingir especificamente os judeus, as ditas Leis de Nuremberg” (SCHILLING, 2016, n.p.).

Essas leis proibiram os judeus de possuírem qualquer relação com a raça considerada *ariana* e de exercer funções públicas, incluindo, entrada em universidades ou lecionar nelas. Além das restrições, os campos de concentração foram criados imediatamente após a posse de Hitler.

A primeira demanda de judeus enviada para os campos foi posta em Dachau, na periferia de Munique. Com a chegada da Segunda Guerra, tudo se intensificou, e os judeus passaram a ser confinados em grandes guetos instalados nos bairros das principais cidades.

A partir daí, os judeus tornaram-se o grande inimigo do povo alemão. A propaganda ideológica, muito exercitada pelo governo, reforçava o discurso de ódio e preconceito contra o povo judeu. A população judia era colocada amontoadas em locais de condições sub-humanas até a chegada da chamada “solução final”, que se referia ao grande extermínio dos povos que não eram considerados uma “raça pura” digna de viver. Vale lembrar que o rancor antijudaico e as perseguições estiveram presentes

desde a origem religiosa, por terem “repudiado” a Jesus Cristo, mas, nada se compara a este período:

Se durante os séculos o judeu viu-se martirizando por razões de ordem religiosa por considerarem-no traidor de Cristo, na idade contemporânea surgiu uma nova e mais terrível ameaça contra ele: o nacionalismo radical dos povos europeus, que se misturou às pretensões racistas de superioridade biológica (SCHILLING, 2016, n.p.).

Como afirma Goldhagen (1997, p.12), “Durante o Holocausto, os alemães ceifaram a vida de 6 milhões de judeus e, se a Alemanha não tivesse sido derrotada, teriam aniquilado mais algumas milhões”. Foram construídos 52 campos da morte, e a política homicida não parou por aí.

O ódio ao Judeu e o conceito de superioridade biológica ceifaram a vida de milhões de vítimas, com a prática de uma eutanásia coletiva e a tortura em diversos sentidos. Essa marca de superioridade biológica ou discurso etnocêntrico, principalmente construído durante o século XIX, reverberou como ideia dominante em todo o mundo.

No Brasil, o cientificismo, as ideias evolucionistas de Spencer e Darwin sobre cultura e raça influenciaram bastante nas formulações teóricas e literárias do período. As ciências positivistas e deterministas funcionam como orientação ordenadora e hierarquizante do mundo, ou seja, também pesou aqui no Brasil essa divisão racial de grupos superiores e inferiores identificada com a questão da classe.

### **3 OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO CEARENSE: O CONTEXTO HISTÓRICO**

Muito já se sabe sobre o que levou a criação dos campos de concentração na Alemanha durante a Segunda Guerra. No entanto, poucos sabem que, no Brasil, também já se teve um contexto parecido, como é o caso dos campos de concentração instalados no Estado do Ceará durante séculos de seca, estes campos tiveram como origem, além do fenômeno natural, a seca, a supremacia governamental aliada à burguesia de Fortaleza. De acordo com Angelotti et al (2009, p. 18):

As secas provocam profundo impacto na vida das pessoas que habitam o vasto semi-árido nordestino. A principal atividade da maioria das pessoas que vivem no meio rural é a agricultura de sequeiro, para produzir produtos de sobrevivência como gênero

alimentício. Essas atividades são profundamente afetadas pela escassez de água. A produção cai drasticamente (ANGELOTTI et al, 2009, p.19).

Isto posto, o cenário repercutido pela seca contribui terrivelmente para a desolação de um povo, justamente por se tratar de um fato inalterável e que gera, desde a antiguidade, negatividades sobre o processo de desenvolvimento social. A seca é, sem dúvidas, lembrada na história pelos seus prejuízos que perduram anos para reestruturação.

Todavia, foi a postura governamental desenvolvida no Estado do Ceará desde o século XIX, para amaciar as migrações de milhares de pessoas que foram em busca de lugares mais férteis, e as consequências que isso geraria para a burguesia das grandes cidades do estado, que trouxeram mais conflitos e impasses para os sertanejos que enfrentavam a dura realidade da seca durante esses períodos. Vejamos:

Conforme Cândido (2005) Do ponto de vista das autoridades, a migração tornou-se uma ameaça à ordem e à civilização e deveria ser evitada. Quando aglomerados, os retirantes ameaçavam desequilibrar a ordem social nos centros mais dinâmicos. Caetano Estellita, em ofício de 20 de abril, denunciava que mesmo a propriedade particular encontrava-se ameaçada (*apud* Neves, 2000, p. 26-62).

Nessa situação, a forte crise hídrica gerou grandes deslocamentos de pessoas interioranas aos grandes centros de cidades mais proativas, principalmente, Fortaleza. E em 1877, o governador imperial decidiu inaugurar o projeto da ferrovia de Baturité, que seria de grande progresso para o estado que vinha sofrendo bastante no eixo econômico e social. Além disso, seria uma oportunidade de ouro para usar os retirantes como “mão de obra barata”, em troca de alimentos e coisas necessárias para a sobrevivência:

Para Candido (2005) A história dessa encampação foi aquela em que milhares de retirantes da seca viravam e reviravam, em variadas metamorfoses, nas cabeças dos engenheiros preocupados em demonstrar ao governo imperial e à elite do país que a ferrovia de Baturité poderia se tornar uma eficaz estratégia nacional em favor do lucro e do controle social. Afinal de contas, cortando o coração da região sertaneja mais atingida pelas secas reconhecidamente periódicas, a ferrovia de Baturité, acreditava-se, poderia, no futuro (como parcialmente veio

acontecer), fazer chegar os socorros públicos ao interior, criando obstáculos à migração indesejada dos retirantes para o centro da capital cearense (*apud* Rios, 2001).

Assim, com a construção da ferrovia eles conseguiriam a “conservação da estrutura social que ameaçava ruir nas mãos das legiões de famintos” (CÂNDIDO, 2005, p. 41). Também, fariam com que as obras servissem para apreensão dos retirantes, e assim eles não se concentrariam nos centros urbanos, mas sim nos canteiros de obras. Enquanto eles estivessem distraídos com a oportunidade de trabalho, esqueceriam da calamidade que vinham enfrentando. Vale ressaltar que, quando o governo percebeu que isso seria uma solução rápida e barata para manter longe os pobres da elite das cidades, ele passou a criar mais obras:

O presidente do Ceará considerava contraproducente o governo despender recursos com a emigração quando esses podiam ser aplicados em obras públicas capazes, de, ao mesmo tempo, salvar os sertanejos da fome e promover o progresso material da província (CÂNDIDO, 2005, p. 47).

Para o governo, o fato de eles não se agruparem na capital e não incomodarem a burguesia já era um grande avanço. Além de que, nos discursos proclamados, convencia a todos que estava prestando um excelente socorro aos retirantes e não havia outras providências mais cabíveis a serem tomadas.

Logo, na visão deles, com a ferrovia totalmente concluída, os socorros chegariam de maneira mais rápida àqueles desolados das secas. Portanto, eles não precisariam mais ir até a capital cearense em busca de socorros, e evitariam a migração indesejada (CÂNDIDO, 2005).

As oportunidades mencionadas nesses discursos governamentais, como o emprego gerado pelas obras e a oferta de itens básicos, atraíram milhares de retirantes famintos em busca de alguns trocados, roupas, comidas e passagens para chegarem vivos à capital por meio das estradas de ferros em algumas extremidades já concretizadas. Em razão disso, instalaram-se os primeiros grupos ao redor dessas obras para exigirem o que haviam prometido, fazendo com que surgissem os primeiros agrupamentos de pessoas em condições já desagradáveis. A saber:

A prática de manter a cidade dos ricos afastada (ou parcialmente afastada) da miséria concretizou-se na construção de locais para o aprisionamento dos flagelados, bem como em frentes de

trabalho e em políticas de emigração forçada para outros Estados (RIOS, 2014, p. 09).

Por conseguinte, essa forma de conter e separar totalmente ou parcialmente os retirantes das cidades, a fim de evitar a aflição da burguesia com relação aos famintos que se aproximavam, mas ao mesmo tempo buscar acolhê-los para o avanço da província, mantendo-os em locais afastados e em condições desumanas, gerou os primeiros campos de concentração ou currais humanos. Rios (2014, p. 09) diz que “os jornais e os relatórios oficiais das secas de 1877, 1915 e 1932 apresentam fortes indícios sobre as estratégias de isolamento em face da presença dos flagelados na cidade”. Sendo assim, essa estratégia perdurou por um longo tempo, inclusive quando já se tinha alguns avanços na política pública.

Diante disso, o pronunciamento, feito em 1917 na câmara dos deputados, pelo na época Deputado Federal cearense Ildefonso Albano, descreve como foi o período da aridez no ano de 1915 e mesmo após passados 38 anos o governo seguia com os currais humanos para evitar as emigrações nos períodos de seca:

Os infelizes que não conseguem trabalho nem abrigo continuam sua vida dolorosa. Após percorrer léguas de caminhos pedregosos expostos aos raios do sol abrasador, chegam ao ponto terminal da estrada de ferro, onde encontram milhares de irmãos do infortúnio. Pelas ruas da cidade vagam esqueléticas figuras esmolando nos arredores debaixo das árvores armam suas redes outras vítimas do terrível flagelo. Andrajosos e mirrados, parecendo antes mortos, fugidos de suas tumbas, causa dó vê-los; aqui é um velho, honrado, antigo fazendeiro abastado, de boa estirpe, que rodeado de sua família, se prepara para morrer, seus gemidos cruciantes indicaram sua próxima agonia, vai descansar das misérias sofridas, deixando no mundo, na mais extrema pobreza, entregues a sorte cruel, as suas filhas moças. Ali é uma criancinha que morre, coberta de nojentas moscas, além uma pobre mãe abandonara os filhos para não vê-los morrer de fome nos seus braços. Passa aqui uma louca que a tantos infortúnios não pôde resistir. Ali, prevalecendo-se da fome e de uma infeliz menina, um monstro de forma humana a seduz por uns miseráveis níqueis (CARLI, 1984, p.70).

Desse modo, o “terminal da estrada de ferro”, termo que Ildefonso Albano utilizou para referir-se aos campos de concentração instalados, como já dito anteriormente, ao redor das linhas férreas de Baturité e na época também a de Sobral em andamento, receberam cerca de 35.000 flagelados durante a seca de 1915.

Esses campos caracterizavam-se como terrenos a poucos quilômetros da capital Fortaleza, onde, a cada agrupamento, ressurgia um novo caos, que originava o surgimento de muitas outras moléstias. Além das doenças, a fome e o descaso fizeram morada junto aos retirantes durante todas as existências desses currais humanos.

Pode-se evidenciar que os campos de concentração, geralmente, em todas as suas subsistências, possuem estruturação em comum, sobretudo, quando estão ligadas ao mesmo objetivo: a segregação social. Desenvolvem-se na forma parecida em quando os indivíduos são expostos a essas severas condições, além de serem constantemente monitorados e explorados.

Além do mais, apesar do ocorrido na Alemanha ter estruturado esses campos para seguirem por fases até o extermínio em massa, sua política de inferiorização assemelha-se bastante com os que existiram no Ceará. Ambos ocasionaram as relações sub-humanas que culminavam em caos e morte, pois, a política de segregação adotada por essas duas ententes, bem como rebaixar, separar e explorar contribuíram para um planejamento civilizatório.

#### **4 EQUIPARAÇÃO ENTRE OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA E CEARENSE**

Os Campos de Concentração são uma das maiores barbáries que a humanidade vivenciou, em todos os períodos em que se fizeram presentes. Essas estruturas trazem à tona a capacidade do homem de passar por cima de qualquer direito humano e sentimento de empatia, a fim de atingir um objetivo comum, em geral, de uma classe privilegiada. Além de mostrar o poder que uma liderança, se mal-intencionada, exerce sobre um povo, uma sociedade (COIMBRA,2020, p.13).

Em 1915, as tensões faziam parte do cotidiano tanto da Alemanha quanto do Ceará. Isso porque a Alemanha enfrentava sua Primeira Guerra, enquanto o Ceará sofria com o grande aumento dos produtos que eram importados e exportados em virtude do mesmo motivo, e ainda se preparava para enfrentar uma das maiores secas dos últimos tempos.

Nesse período, o ódio contra os Judeus e aqueles não considerados uma raça pura ariana já estava selado na população alemã apoiadora dos ideais da *eugenia*. Em Fortaleza, por sua vez, a elite sentia o mesmo ódio ao considerar um absurdo

conviver em uma cidade repleta de pobres, mesmo que o motivo para a emigração fosse a busca por socorro público e sobreviver às secas.

Como visto anteriormente, desde 1877, “o planejamento urbano da cidade de Fortaleza, [...] já era dividida entre bairros da elite e subúrbios de pobres, registrando-se, assim, a divisão de acesso econômico entre o perímetro central e os povoados vizinhos” (POMPEU; TASSIGNY, 2006, p. 39). E, na Alemanha, essa divisão ocorreu em 1939, “com o início da Segunda Guerra Mundial, [...] o Governo-Geral de ocupação da Polônia determinou que todos os judeus fossem confinados em grandes guetos, instalados em bairros das principais cidades polonesas” (SCHILLING, 2016, n.p.).

É possível notar tal diferenciação e exclusão, também, quando os Judeus foram obrigados a usarem uma braçadeira com a estrela amarela de Davi, no intuito de serem diferenciados pelas autoridades. (SHILLING, 2016, n.p.). E, no caso dos retirantes, havia um código penal proibindo a locomoção de pessoas nas ruas da cidade usando roupas “indecentes”, termo usado para enfatizar uma lei feita para aqueles que não tinham ao menos o que comer, e era inegociável o fato de que deveriam usar todas as peças de roupas da época, ou seja, um meio indireto de fazer com que os retirantes não transitassem nesses espaços.

Consequentemente, o desabono foi o menor dos problemas enfrentados por esses grupos perseguidos pelas lideranças sociais, tanto na Alemanha nazista quanto em Fortaleza - CE. As consequências trazidas por essas dominâncias provocaram a morte de milhões de pessoas, e as motivações para esses casos ainda seguem sem explicações, ou, simplesmente, nada justifica os feitos e os descasos. Vale ressaltar que os perpetradores, em ambos os casos, consideravam uma forma justa o que estava sendo concretizado.

Como sabemos, no Ceará, os campos de concentração tiveram início ainda no governo imperial durante a seca de 1877. “Neste momento de crise, o trágico se tornou quase cotidiano, e pacífica foi a aceitação, por parte da população, do fato de milhares de pessoas morrerem de fome e de sede, além do surgimento de inúmeras doenças” (POMPEU; TASSIGNY, 2006, p. 39).

Os currais humanos foram instalados em 13 lugares estratégicos, a poucos quilômetros de Fortaleza e ao redor das obras em andamento para distraí-los com o trabalho em prol do desenvolvimento da província. A ideia central era manter os flagelados, que diariamente chegavam mais, longe dos centros urbanos:

No campo de concentração, milhares de retirantes foram segregados em más condições de higiene, recebendo péssima alimentação e sendo vigiados constantemente. Também nos campos de açudagem das Obras Novas os retirantes represados, sendo mal alojados, “mal comidos e mal bebidos”, num cotidiano de duro trabalho (CASTRO, 2010. p. 29-30).

Além da fome e da sede, os flagelados passaram por uma longa caminhada a pé até chegarem aos campos ou à capital. Muitos deles já chegavam desnutridos e desidratados. Outros eram submetidos à emigração forçada para outros Estados, fugindo do caos sob grande incentivo do governo. Enquanto nesses currais a balbúrdia se espalhava, havia vários casos de roubos, prostituição, trabalho infantil e muitas moléstias também.

Para se ter ideia, Gileno Dé Carli (1984, p. 75) diz que eles eram colocados em um terreno de 500 metros, onde a cozinha era ao ar livre e as panelas eram latas de querosene, a alimentação servida era “só digna de urubus”, e os gados que morriam de fome ou estava em extrema magreza eram mandados para esses campos para serem aproveitadas.

Na Alemanha, o cenário era parecido, “A população Judaica capturada foi confinada a 399 guetos na Polônia e mais 34 na Galícia. No total, havia 1.600 campos de trabalhos forçados” (SCHILLING, 2016, n.p.). Diante do medo e da insegurança, muitos judeus escolheram a emigração, e milhares de pessoas fugiram para outros países em busca de abrigo e proteção.

O cenário segregacionista dentro dos campos alemães também não se difere do que ocorreu dentro dos campos no estado do Ceará, já que, “os alemães mergulharam os habitantes do sistema de campos em condições físicas, mentais e emocionais de privação e desespero muito pior do que qualquer coisa vista na Europa em séculos” (GOLDHAGEN, 1997, p. 190). Eles foram reduzidos à extrema pobreza e terrivelmente castigados pelas suas origens.

Ao negar à população do sistema uma nutrição adequada – na realidade, submetendo muitos à fome -, ao forçá-la a realizar trabalho árduo durante longas e intermináveis horas, ao fornecer a ela vestimenta e abrigo grosseiros e inadequados, para não mencionar a falta de assistência médica, e ao perpetuar violência sistemática contra corpos e mentes, os alemães obtiveram êxito na tarefa de fazer muitos dos internos do sistema de campos assumir a aparência – infecta, com ferimentos abertos e marcas de doenças e debilidade (GOLDHAGEN,

1997, p. 191).

Diante do supracitado, tanto na Alemanha quanto no Ceará, algumas das principais linhas sistemáticas traçadas pelos governantes e criadores desses campos eram a separação em massa e a exploração econômica. Isso por meio do encarceramento, exposição a formas sub-humanas, ao terror e a punição. Em ambos contextos, tanto os judeus quanto os retirantes eram pessoas sem identidades, rebaixados à pobreza extrema, desvalorizados, explorados e subnutridos por causa do egocentrismo humano e hierarquias.

Os campos, diante das circunstâncias, foram arquitetados justamente para garantir que tais personagens ficassem longe do modo de vida da população que se autodeclaravam melhores. Eram postos em lugares estratégicos, espalhados em outras cidades e países (como no caso do nazismo) dizimando rebanhos e homens. Contudo, essa anarquia ceifou a vida de milhões de pessoas durante suas existências.

## **5 OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EM O QUINZE**

Na literatura esses resquícios dramáticos de crueldade viraram narrativas escritas por quem viveu na pele ou apenas por quem ouviu os relatos horrendos desses períodos. Essas obras ganharam vulto, a exemplo de *A bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, *A normalista* (1893) de Adolfo Caminha, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos e a obra *O quinze* de Rachel de Queiroz. Nesses últimos livros é possível enxergar essas marcas históricas, principalmente, centralizadas na figura do retirante. Candido (2000) explica que:

Como não há literatura sem fuga ao real, e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiram freqüentemente tolhidos no vôo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral (CANDIDO, 2000, p. 26).

Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na *Academia Brasileira de Letras*, obteve grande sucesso ao publicar seu primeiro livro, cuja temática era justamente o drama chocante da vida miserável do sertanejo. Adotando, como pano de fundo, a grande seca de 1915 que se abateu no Nordeste. A autora, com uma

linguagem seca e fotográfica, expõe a mazela de um cenário histórico. Ou melhor, emprega uma linguagem marcada principalmente por uma tradição literária fixada na captura da realidade, em que se exige objetividade.

Diante da visão de Candido, a concepção da literatura brasileira decorre de um sentido de nacionalidade, cuja preocupação sociológica se caracterizou como literatura empenhada. Ou seja, os escritores, por uma questão ideológico-política, se sentiam na obrigação de construir o Brasil a partir de interpretações mais documentais. Assim, como ressaltado por Candido, a literatura brasileira sempre manteve esse pendor ao objetivismo descritivo por questões políticas. Nesse ponto o escritor aderiu ao nacional-regional de forma simplista e até pitoresca.

O romance de 30, principalmente, aparece dentro dessa corrente sociológica regional afeita à tradição local em oposição aos abusos esteticistas dos modernistas do século XX. Nesse caso, o parâmetro para os que aderem à cultura regional é a fuga à imaginação e à fantasia. Precisamente, *O Quinze* aparece como expressão dessa série sociológica. De fato, o romance *O quinze* foi publicado em 1930, ano em que a geração de escritores optava por focar temas nacionais, sociais e históricos circunscritos a uma região. Como dito anteriormente, eram comuns a exploração de temas sociais na literatura de 30. Rachel de Queiroz retrata, em linhas gerais, a dureza da seca, o emigrante, o retirante operário, e as situações dos campos de concentração.

É possível acompanhar essas temáticas diante da trajetória de personagens principais como: Chico Bento, Conceição e Dona Inácia. No enredo, o vaqueiro Chico Bento e sua família conduzem o retrato fiel dos retirantes que partem do interior em direção à capital cearense, devido à falta de chuva ter se estendido e a vida no campo ter se complicado, sobretudo após sua patroa mandar soltar os gados que findavam sem pasto, deixando-os sem escolha.

Durante o duro êxodo rural a pé até Fortaleza, o vaqueiro e sua família passam por diversas provações, entre elas, vê um dos filhos perecer de fome, após ter buscado amparo do governo e ter sido ignorado. Reproduzimos um trecho:

Dia a dia, com forças que iam minguando, a miséria escalavrava mais a cara e sórdida, e mais fortemente os feria com a sua garra desapietada. Só talvez por um milagre iam agüentando tanta fome, tanta sede, tanto sol. O comer era quando Deus fosse servido. Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico

Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe (QUEIROZ, 1993, p. 62).

Além do tenebroso percurso, a chegada da família em um dos alojamentos destinados ao grande número de retirantes mostra o drama vivido por aqueles que fugiam da seca, e se caracteriza como um lugar bastante caótico: “onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo” (QUEIROZ, 1993, p. 86). Mais a frente no enredo é possível notarmos os primeiros detalhes da política segregacionista dos campos de concentração:

No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro. [...] Cordulina acomodou-se como pôde, ao lado do cajueiro onde tinham parado. Da banda de lá, um velho deitado no chão roncava, e uma mulher de saia e camisa remexia as brasas debaixo de uma panela de barro. [...] Chico Bento olhava a multidão que formigava ao seu redor. Na escuridão da noite que se fechava, só se viam vultos confusos, ou alguma cara vermelha reluzente junto ao fogo. Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e gemidos, e até cantigas. E estendendo a vista até muito longe, até aos limites do Campo de Concentração, onde os fogos luziam mais espalhados, o vaqueiro sacudiu na boca uma mancheia de farinha que lhe oferecia a mulher, e procurando quebrar entre os dedos um canto de rapadura, murmurou de certo modo consolado: - Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho... (QUEIROZ, 1993, p. 86- 87).

Desse modo, o cenário vivido por Chico Bento e sua família trazem a imagem de um local onde as condições sanitárias eram deploráveis, uma vez que, eles eram amontoados debaixo de cajueiros, presenciando e vivendo condições insalubres, como por exemplo, a escassez de comida junto a sede, falta de higienização e outras coisas. Essa descrição chocante dialoga muito bem com os dados históricos. Assim, é possível notar que “Chico Bento, mesmo na condição de personagem de literatura, estava inserido em contexto sociocultural plausível” (CASTRO, 2010, p. 57).

Em todo o enredo, o personagem do sujeito flagelado, que já sofria arduamente as dores da miséria e do alojamento, também sofria a exploração por meio do trabalho escravo que o governo do Ceará oferecia: “Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios” (QUEIROZ, 1993, p. 99). Diante da trajetória desse

personagem, podemos notar que a sujeição à condição infame é o lado mais sombrio da história humana porque é aí que se retira toda dignidade do indivíduo.

Além de Chico Bento, a personagem protagonista Conceição desempenha o importante papel de uma jovem à frente do seu tempo, professora e voluntária. No campo de concentração, ela viu e sentiu a angústia dos retirantes, muitos deles conhecidos próximos, a exemplo de Chico Bento que é seu compadre. Seus traços mais marcantes é a sua resistência. Para Gomes (2010, p. 49): “Há um contínuo deslocar dessa personagem, que reforça sua intervenção social ao ajudar o outro a superar as adversidades sociais e geográficas impostas”. Como podemos ver a seguir:

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração. Às vezes uma voz atalhava: - Dona, uma esmolinha..Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento. Que custo, atravessar aquele atravacamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos! (QUEIROZ, 1993, p. 55-56).

Diante disso, o dia a dia de Conceição no campo de concentração é retratado em pequenos trechos, neles é possível observar o quanto a jovem se compadecia e se chocava com a situação em que os campos se encontravam. Ao mesmo tempo, a personagem buscava de alguma forma ser prestativa para amenizar a dura realidade. E tudo isso era compartilhado: “E só chegava de tardinha, fadigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam de água os óculos da avó” (QUEIROZ, 1993, p. 71)

Dona Inácia, avó de Conceição, também é uma personagem considerável, por se tratar da representação da classe estável da época. No enredo, é notório sua constante incomodação com a avalanche de pedintes retirantes na sua cidade e com o caos que se tornou dentro dos campos de concentração como: o surgimento de roubos, fome, prostituição, moléstias e mortes. Apesar disso: “As vezes, quando podia, acompanhava a neta nessa labuta caridosa, em que a neta empregava o melhor de sua natureza” (QUEIROZ, 1993, p. 127).

Dona Inácia, assim como Conceição, presenciou os males dessa política sanitária adotada pelo governo e indiretamente questionou os discursos proclamados na época para atrair mais retirantes para os campos de concentração, como podemos

notar:

Uma tarde, [...] uma retirante bateu a porta pedindo uma esmola por amor de Deus “para matar a fome dum inocente...” [...] – Mulher, você, não está vendo que esse menino está doente? – Estou, inhora sim... Mas que é que eu hei de fazer? [...] Eu é que estou com uma fraqueza, em tempo de dar um passamento... ainda não botei um bocado na boca, hoje... – E no Campo de concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome! – Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha! (QUEIROZ, 1993, p. 128).

Perante o exposto, essa personagem entendia que a propaganda que o governo fazia em seus discursos, ofertando trabalho e coisas necessárias para atrair os retirantes para os canteiros de obras. Tratava-se, na realidade, de uma falsa afirmação, já que, de fato, o que se constata é que se tratou de uma ação higienista muito próxima ao que se praticou na Alemanha, e que ocorreu até recentemente nos Estados Unidos e na África do Sul. Vejamos:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. [...] apesar de censurar os exageros da neta, seu coração de velha avó todo se confrangia e mortificava com a mortandade horrorosa que naquele novembro impiedoso ia espalhando debaixo dos cajueiros do campo (QUEIROZ, 1993, p.127).

O Governo do Ceará tentava explicar, diante da sociedade, que a política de segregação e confinamento, nos campos de concentração, tratava-se de um centro cuidador, onde seriam oferecidos empregos, alimentação e itens básicos para a sobrevivência. Mas, como se viu, os indivíduos eram na verdade rebaixados à extrema pobreza, encurralados em ambientes medonhos e obrigados a aceitarem condições precárias de trabalho, pouca alimentação, epidemias e moradias insalubres.

Por fim, percebe-se um discurso biológico que atrela as teorias evolucionistas raciais, classistas numa classificação de grupos superiores e inferiores que geraram catástrofes ao longo da história, como se pode ver nas guerras, colonizações, escravidão e genocídio. Com certeza, aqui no Brasil, pela inação ou propósito do Estado, um contingente expressivo da raça negra e mestiça sofreu o pior tratamento

até a sua rápida eliminação.

## 6 CONCLUSÃO

Observamos no presente trabalho, investigar quais conflitos geraram o surgimento dos campos de concentração que mais impactaram a História e a Literatura, pontuando algumas relações entre os campos de concentração Nazista e cearense, com ênfase no contexto segregacionista, para mostrar como ocorreu a política de separação e inferiorização dos retirantes das secas e os Judeus. Após, buscou-se identificar essas representações na ficção literária.

Para tal, inicialmente, o trabalho esteve orientado em dois momentos. O primeiro historiografa o surgimento dos campos de concentração na Alemanha, numa relação com os campos de concentração do Ceará. Num segundo momento, a partir desses dados historiográficos se estabeleceu uma relação com a obra *O Quinze*, publicada em 1930, de autoria de Rachel de Queiroz.

Logo, é nítido que a política dos campos de concentração, principalmente em seu contexto segregacionista, foram usados ao longo do tempo com um propósito semelhante, o de priorizar, geralmente, as vontades de uma classe dominante, independente do dano que isso fosse causar para aqueles como os Judeus e os retirantes. Essa afirmação reforça que, uma das heranças desse momento, será o aproveitamento para entender e conhecer esses fatos que mesmo marcados na História e na Literatura ainda são pouco debatidos e estudados, e o principal: que momentos como esses nunca mais tornem acontecer.

Assim sendo, compreendemos que essa forma de segregação social, cujo objetivo era rebaixar, conter e alijar, contribuiu para um planejamento civilizatório separador. E assim, produziu as maiores barbáries do ponto de vista histórico. A ficção, por sua vez, diante da sua relação dialética com a sociedade, tem o papel de retratar esses fatos diante de um projeto estético bem definido. A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a vontade de se ter uma sociedade cada vez equânime e aperfeiçoada. Esperamos que esta proposta possa contribuir com respostas para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. Edições Demócrito Rocha, 2017.  
 ANGELOTTI, F. et al. Mudanças climáticas e desertificação no semiárido brasileiro. São Paulo, Embrapa informática agropecuária, 2009.

**Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia e deu início a primeira guerra mundial**. Canal História. Disponível em: <<https://canalhistoria.pt/hoje-na-historia/austria-hungria-declarou-guerra-a-servia-e-deu-inicio-a-primeira-guerra-mundial/>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; CÂMARA, Yls Rabelo. Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em O Quinze (1930). **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 5, n. 6, p. 171-182, jul./dez. 2015.

CANDIDO, Antonio. **A revolução de 1930 e a cultura**. São Paulo, v.2, nº 4, p-27-36, abril, 1984.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio et al. **Literatura e sociedade**. 2000.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Os trilhos do progresso: episódios das lutas operárias na construção da estrada de ferro de Baturité (1872-1926)**. Trajetos Revista de História UFC, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 83-101, 2002.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Trem da seca: Sertanejos, retirantes e operários (1877-1880)**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

CARLI, Gileno Dé. **Séculos de secas**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1984.

CASTRO, Lara de. **Avalanches de Flagelados no sertão cearense: retirantes-operários na lida das obras contra as secas**. Fortaleza. DNOCS/BNB-ETENE, 2010.

COIMBRA, Gizela Costa Shultts. **Campos de Concentração: uma análise arquitetônica**. Portal de Trabalhos Acadêmicos, v. 7, n. 2, 2020.

COUTO, Sérgio Pereira. **Dossiê Hitler**. São Paulo, Universo dos livros, 2010.

DIANA, Daniela. **Segunda geração modernista – 2ª fase do modernismo**. Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/segunda-geracao-modernista/>> Acesso em: 06 jun. 2022.

FRAZÃO, Dilva. **Rachel de Queiroz**. Ebiografia, 2021. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/rachel\\_queiroz/](https://www.ebiografia.com/rachel_queiroz/)>. Acesso em: 04 de nov. 2021.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

GOMES, Carlos Magno Santos. A aula de alteridade em *O quinze*. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, p. 45-56, v. 7. 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MUSEU Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Introdução ao Holocausto**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

POMPEU, Marcílio Vidal Gina; TASSIGNY, Mônica Mota. **Seca, fornalha e estado de emergência**. Fortaleza. INESP, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

**Rachel de Queiroz**. Uol. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/rachel-queiroz.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração do Ceará**: Isolamento e poder na seca de 1932. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder**: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SCHILLING, Voltaire. **Holocausto**: Das origens do povo judeu ao genocídio nazista. Porto Alegre, RS: Age, 2016.

SILVA, Daniel Neves. **Campos de concentração**. **Mundo educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/campos-concentracao.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

## AGRADECIMENTOS

A Jeová, pelo discernimento e sabedoria, além de abrir as portas para que eu pudesse conquistar tudo que eu sempre sonhei.

Aos meus avôs maternos *in memoriam*. À vó Maria do Carmo, por ter me amado com todas as suas forças e ter dado o melhor de si na minha criação para que eu me tornasse quem sou, nunca mediu esforços para que se concretizasse seu sonho de me ver formada. A vó Zé Baixó, por ter sido um grande exemplo de coragem e persistência.

À minha mãe Marinalva, por ser sinônimo de garra, amor e determinação na labuta diária. Ao meu pai Júnior, pelo entusiasmo e as palavras de apoio, benevolência e presteza que animam a minha luta. E ao meu irmão Joab, pelas memórias de infância, alegrias e durezas vividas. A vocês, por me lembrarem de onde vim.

Ao meu Jonas, por estar junto a mim nos momentos felizes e conflituosos durante todo meu percurso acadêmico; por não hesitar, nenhum dia, em me esperar por horas na biblioteca enquanto eu fazia minhas pesquisas. Também, pelas lembranças, sonhos e experiências.

Aos meus sogros Evelina e Carlos, por me acolherem sempre com cuidado e afabilidade, ensinando-me a cultivar integridade, determinação e generosidade; ao vó Lourenço, pelas risadas e apoio.

À minha cunhada Wlyclécia, que sempre foi exemplar na sua vida acadêmica e profissional, despertando em mim coragem para trilhar os mesmos caminhos do conhecimento, pois sabemos o quanto ele é libertador.

Aos meus amigos Camila, Thiago, Karinne, Kassia e Gleyde. Que comigo fizeram histórias; agradeço pelas palavras de firmeza, presteza, abrigo e “querer bem”. Orgulho-me muito de vocês.

À minha orientadora Andréa Buhler, por ter me amparado com paciência e iluminado a minha pesquisa, possibilitando essa conquista. Também, pelos anos de coordenação em minhas extensões, que foram a porta para eu amar essa profissão e buscar me dedicar cada a dia a mais.

Ao professor Eduardo Valones, pela atenção, compartilhamentos de ideias, e encorajamento.

Aos meus professores do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa, por

todo conhecimento compartilhado durante meus cinco anos acadêmicos. Em especial, Rafael Braz, Edilma, Camila, Rosângela, Paulo Vinicius e Iara.

À minha amiga e companheira de curso Keyla Maria, por não ter me deixado desistir e ter enxugado minhas lágrimas quando eu mais precisei, você sempre será o melhor presente que a universidade me deu.

Aos meus tios e tias de sangue e do coração – Sandra, Souza, Jonas, Ruzemar e Emílio.

Aos funcionários da UEPB, dentre todos, Marcielly, pela presteza e atendimento quando era imprescindível a sua ajuda.

Aos meus alunos Kayron, Mariano, Millena, Nayara, Nicolle e Silas. Por continuarem despertando em mim o amor por lecionar, e me ensinarem mais do que eu os ensinos.

Às minhas prof<sup>as</sup>. de Araçagi, tia Kena, tia Ná, tia Gorete e tia Lita, pelos traços e traçados.